



TRAGÉDIA NO SUL

Henrique Lessa/CB/D.A Press



Equipes removem entulho das ruas de Porto Alegre não mais inundadas. População faz balanço dos prejuízos e arregaça as mangas para reconstrução

Obras de infraestrutura que acabaram com os alagamentos em Vicente Pires.

Foi este GDF que fez. E está fazendo muito mais.



Gauúchos tentam voltar devagar à vida normal

Aulas em Porto Alegre recomeçam, mas cidade continua com o fornecimento de água e luz ainda muito comprometido

» MAYARA SOUTO
» FERNANDA STRICKLAND
» HENRIQUE LESSA

Porto Alegre e Capão da Canoa (RS) — Apesar do desejo dos gaúchos de retomarem o quanto antes a vida normal, a vontade esbarra na realidade deixada pela destruição das inundações. As toneladas de entulhos e dejetos, de bens definitivamente inutilizados e de imóveis com estrutura comprometida, espalhados pelos locais onde as águas baixaram, somam-se à infraestrutura de serviços públicos que voltaram a funcionar, só que precariamente. Ainda assim, a tristeza de ter perdido tudo dá vez à resignação de reconstruir tudo (ou quase tudo) do zero.

Ontem, 22 escolas da rede municipal de educação de Porto Alegre retomaram as atividades e mais 16 reabrem hoje. “Cerca de 50% dos nossos alunos

retornarão às aulas normalmente. A retomada das aulas é essencial para a aprendizagem dos estudantes e, da mesma forma, para a volta ao cotidiano da cidade”, afirmou o secretário municipal de Educação, José Paulo da Rosa.

De acordo com a prefeitura da capital, 99 unidades públicas e 219 parceiras foram atingidas pelas enchentes. Destas, 14 públicas e 12 de rede conveniada ainda estão totalmente ou parcialmente alagadas.

Mas, apesar do esforço de voltar à normalidade, estima-se que 180 mil lares gaúchos ainda estão sem energia elétrica, de acordo com dados das distribuidoras CEE Equatorial e RGE. A região mais afetada é a metropolitana de Porto Alegre. O desafio, segundo as empresas, é religar a rede em um espaço razoável de tempo para que a vida siga em direção à normalidade.

Mas, para isso, os técnicos têm de trafegar por estradas

precárias e inseguras. De acordo com o mais recente balanço da Defesa Civil, são 78 trechos com bloqueios totais e parciais em 47 rodovias.

Mas o religamento da rede elétrica não depende da vontade das distribuidoras. A Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros Militar têm de dar o sinal verde, pois são muitas as galerias subterrâneas alagadas.

Na região metropolitana de Porto Alegre, o cálculo é de aproximadamente 40 mil lares sem água, de acordo com a Corsan, responsável pelo abastecimento no estado. Na capital gaúcha, das 24 estações de bombeamento de água pluvial espalhadas pela cidade, apenas nove funcionam — como garante o Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE). Há previsão de que duas voltem a funcionar hoje e mais uma até quinta-feira.

Só que o restabelecimento da infraestrutura pode ser afetado

pelas chuvas nos próximos dias — que, segundo a meteorologia, deve recomeçar amanhã. O nível do Guaíba pode voltar a subir: ontem, passou de 4,24m para 4,32m em algumas horas, mas voltou a descer.

Aviso à prefeitura

O DMAE alertou o prefeito da capital gaúcha, Sebastião Melo (MDB), sobre a iminência das inundações. O documento foi divulgado, ontem, pelo deputado estadual Matheus Gomes (PSol). Segundo ele, depois das cheias de novembro 2023, diversas bombas do sistema de drenagem da cidade precisavam de manutenção.

O documento, assinado por engenheiros da própria prefeitura, alerta o prefeito do risco de alagamento na cidade. “Necessidade urgente de resolução desta demanda para evitar o risco de alagamento da área

central de Porto Alegre, entre a Usina do Gasômetro e a rodoviária”, diz o documento divulgado pelo parlamentar. A advertência apontava o risco de inundações de bairros de Porto Alegre seria ocasionada pelo não funcionamento do sistema de drenagem da cidade.

E em todo o Rio Grande do Sul há 19 pessoas diagnosticadas com leptospirose e outras 304 são suspeitas de estarem infectadas. A informação foi divulgada ontem pela Secretaria Estadual da Saúde, que confirmou também a morte de um homem de 67 anos pela doença. O caso foi registrado na última sexta-feira no município de Travesseiro, no Vale do Taquari, onde outras três pessoas recebem tratamento médico pelo mesmo motivo.

De acordo com a Defesa Civil do estado, as inundações deixaram 157 mortos e 85 desaparecidos. São 76.188 pessoas em abrigos, de 581.633 desalojados.

Riachuelo: Olsen veta festa

» VINICIUS DORIA

Por causa da tragédia que assola o Rio Grande do Sul, o comandante da Marinha, almirante Marcos Sampaio Olsen, determinou que fossem adiadas todas as comemorações alusivas ao aniversário de 159 anos da Batalha Naval do Riachuelo, em 11 de junho. A determinação vale para todas as unidades da Armada. Com boa parte do efetivo envolvida nas operações de resgate e atendimento às vítimas no Rio Grande do Sul, o alto comando não vê clima para festividades.

A data mais importante do calendário da Marinha, porém, não passará totalmente em branco, mas serão discretas e exclusivas para o corpo militar. Segundo comunicado aos altos oficiais — ao qual o **Correio** teve acesso —, as cerimônias das organizações militares, incluindo os distritos navais, devem se limitar a entoar o Hino Nacional, às leituras da Ordem do Dia do comandante e da mensagem do ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, e à promoção de praças, que ocorre todos os anos nessa data.

A cerimônia de entrega de medalhas e distintivos foi adiada por tempo indeterminado. Olsen também vetou a veiculação de campanhas institucionais alusivas à data, jantares e bailes de confraternização.

A Marinha participa das operações de socorro aos gaúchos. Além de integrar equipes de resgate, enviou a maior embarcação de guerra da esquadra, o navio aeródromo multipropósito Atlântico, que está ancorado no Porto de Rio Grande. Levou toneladas de equipamentos, helicópteros e até um hospital com UTI. A Unidade Médica Expedicionária da Marinha atua, desde 9 de maio, no hospital de campanha montado em Guaíba, na região metropolitana de Porto Alegre.

R\$ 40 milhões para abrigos no estado

» VICTOR CORREIA

Atendendo à solicitação de 85 municípios gaúchos, o governo federal liberou, até ontem, R\$ 40 milhões aos abrigos que estão recebendo os desalojados e desabrigados pelas enchentes no estado. O dinheiro será usado para a compra de colchões, cobertores, água, roupa de cama e itens de higiene. A verba será aplicada, também, em abrigos informais — que não são administrados pelas prefeituras.

O levantamento foi apresentado, ontem, na reunião da Sala de Situação que acompanha a calamidade no Rio Grande do Sul, instalada no Palácio do Planalto. “A prefeitura nos passa a quantidade de pessoas abrigadas, recebe o recurso e, depois, informa os itens que foram comprados para

a prestação de contas”, explicou André Quintão, secretário nacional de Assistência Social do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

Ficou estabelecido um valor de R\$ 20 mil a ser pago a cada grupo de 50 pessoas acolhidas nos abrigos. Segundo estimativas do governo federal, os R\$ 40 milhões atenderiam a aproximadamente 130 mil pessoas. Os cálculos são de 80 mil estão desabrigados no Rio Grande do Sul, mas esse número ainda pode aumentar.

Segundo o Palácio do Planalto, 65 municípios receberam, até o início da tarde de ontem, o valor que solicitaram. Outros 20 receberiam nas próximas horas.

Na reunião da Sala de Situação, outras medidas foram anunciadas para auxiliar os gaúchos. Segundo o Ministério da Saúde,

Jürgen Mayrhofer/GRS



Abrigo no Grêmio Náutico União, em Porto Alegre. Prefeituras que solicitaram recursos estão recebendo

Novo Hamburgo receberá o quarto hospital de campanha montado pela pasta no estado — os outros foram instalados em Porto Alegre, Canoas e São Leopoldo. A nova unidade funcionará 24 horas por dia, terá seis médicos, três enfermeiros e técnicos de enfermagem realizando entre 150 e

200 atendimentos por dia.

Já o ministro dos Transportes, Renan Filho, anunciou que a região metropolitana de Porto Alegre está com as estradas liberadas. Os pontos de alagamento restantes nas BRs 390 e 116, além de uma obstrução na BR-386, em Canoas, foram resolvidos.

“A região metropolitana de Porto Alegre está toda integrada e não tem mais rodovias bloqueadas 100%”, disse Renan Filho, acrescentando que serviços essenciais — como a coleta de lixo regular e transporte e abastecimento de remédios e oxigênio para hospitais — voltaram a funcionar.